



FOLHA INFORMATIVA N.º 09-2011

PALHEIROS DO LITORAL CENTRAL PORTUGUÊS - II

DESCRIÇÃO DOS AGLOMERADOS DA ZONA DA XÁVEGA, E DOS PALHEIROS QUE OS CONSTITUEM

[Descrição de Esmoriz, Cortegaça e Vieira de Leiria]

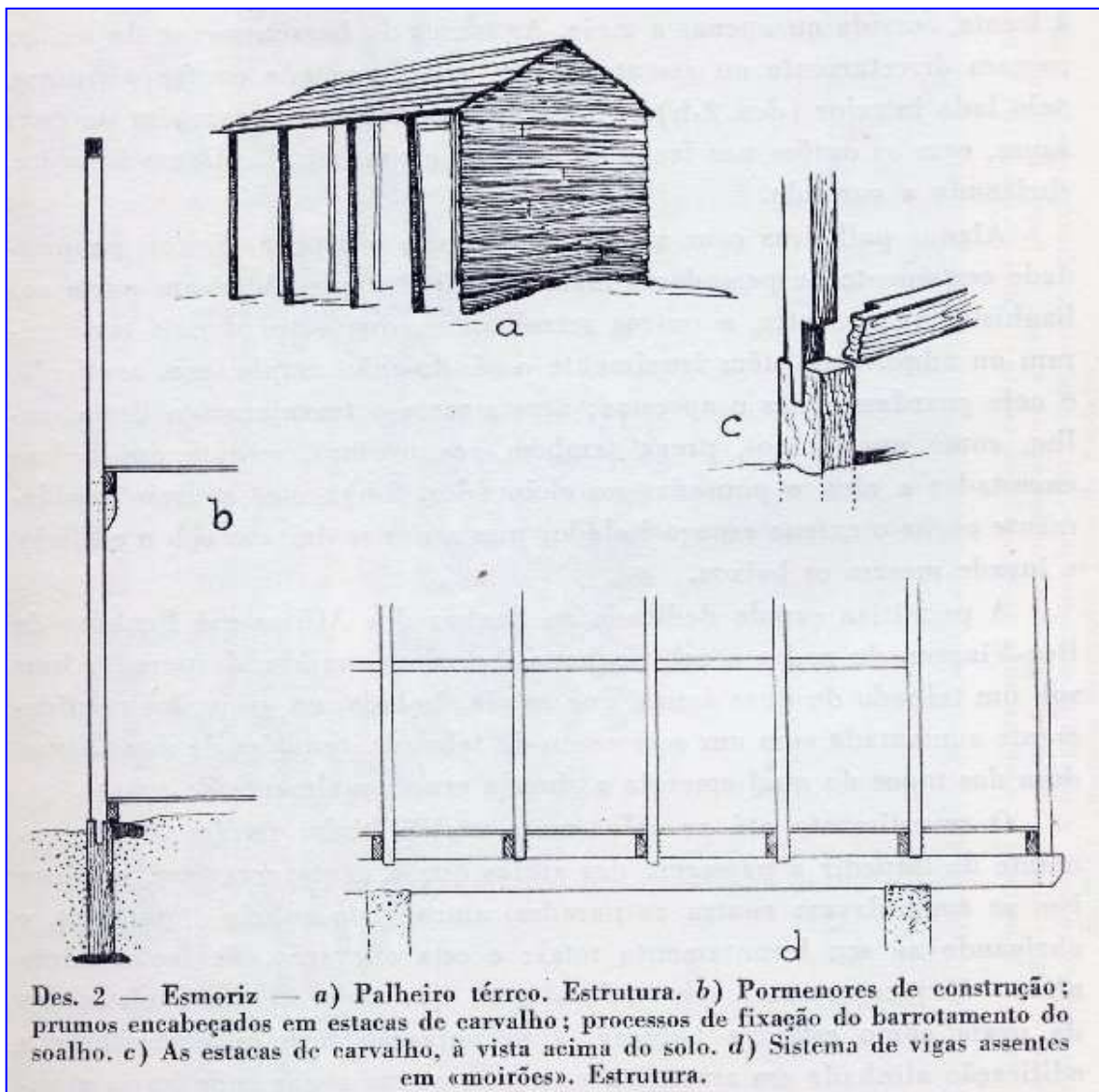
Autores: Ernesto Veiga de Oliveira e Fernando Galhano

In: *Palheiros do Litoral Central Português*

ESMORIZ (pg. 21)

Nos areais da beira-mar fronteiros à povoação de Esmoriz situavam-se até há escassas dezenas de anos dois grupos contíguos de palheiros: eram os chamados Palheiros de Esmoriz e os Palheiros de Cortegaça (e Maceda) separados apenas pelo marco divisório das duas freguesias (1). De longa data se praticavam aí as artes de arrasto, tendo havido várias companhias, compostas inicialmente sobretudo por pescadores vindos das terras vizinhas do interior (que já pescavam com chinchorros, pelo menos por meados do século XVIII (2) e também de Espinho, das quais restavam, em 1886, três - duas de Esmoriz e uma da Cortegaça -, que com a decadência que se seguiu à época áurea da sardinha nesta costa, se extinguíram definitivamente por volta de 1930. Contudo, ainda pelo último quartel do século XVIII não parece ter vivido ali ninguém com carácter permanente (3), devido sobretudo à violência do «giro» das areias, e também certamente por medo à pirataria argelina, de cujas proezas por aquelas paragens restava certamente uma memória recente (4). De entrada, as gentes das companhias dormiam nos armazéns ou casernas que as «empresas» possuíam na praia; mas pouco a pouco foram começando a edificar os seus palheiros próprios, onde habitavam durante a época da safra. Esses primeiros palheiros, que se espalhavam pelo areal, no alto da duna, mais perto do mar, um pouco a sudoeste do centro do actual povoado, eram sem dúvida, como em Espinho, de uma construção precária e descuidada, térreos e pequenos, com os prumos de pinho espetados directamente na areia, de pau a pique, e o revestimento

exterior de tabuado neles pregado, e disposto por isso horizontalmente, sem soalho - apenas junco a recobrir a areia do chão - nem forro interior, a cobertura de duas águas igualmente de tabuado (des. 2-a).



Os barracões das companhias eram também de pau a pique, com o chão de areia; mas os armazéns das redes eram de outro sistema, elevados do solo sobre pequenos pés ou pilares, e soalhados, numa forma que encontraremos, para essa categoria de instalações, em todo este sector costeiro, e que a função que desempenham justifica e exige.

Ainda hoje, nos níveis mais pobres, se vêem barracos semelhantes àqueles (5) com os seus prumos de pau a pique espaçados uns dos outros de cerca de 1 m, muitas vezes ainda sem soalho, e uma pedra ladeira pousada na areia, a um canto, onde se acende o lume; e quando existe soalho, este assenta num travejamento rudimentar, simplesmente pregado aos prumos,

apoiado sobre pedras encostadas a eles e pousadas no chão. Mas hoje o revestimento exterior, mesmo nestes níveis, é praticamente sempre vertical (o que implica a existência de tarugos horizontais de reforço entre os prumos), e a cobertura é sempre de telha.

Após a construção da linha do Caminho de Ferro até Espinho por volta de 1860, a praia de Esmoriz começa a ser frequentada por banhistas veraneantes, de entrada pessoas certamente modestas das terras próximas, sem grandes exigências de conforto, que também aqui se instalavam nos palheiros existentes. Temos notícia do primeiro banhista que ali construiu uma casa de pedra, por essa data, de nome Romão Corte-Real, de S. João de Ver. (6)

Por volta de 1870, inaugura-se o sistema de alagem das redes com gado bovino (7); os lavradores, a quem o gado pertencia, necessitavam de instalações na praia, onde passassem também a viver por temporadas durante a época da safra; constróem então palheiros de rés-do-chão e andar, à semelhança das suas casas rurais, os quais, embora também de pau a pique, são, de um modo geral, maiores e de melhor construção do que as recoletas dos pescadores, com os prumos directos subindo desde baixo até ao frechal do telhado, mas com a ponta que enterra na areia encabeçada em estacas de carvalho (8), para maior duração e com tarugos horizontais que reforçam toda a armação, determinando além disso a disposição vertical do tabuado exterior; este é pintado de vermelhão. O rés-do-chão, nestes casos, é amplo e sem soalho, e nele ficam os bois; apenas ao lado a caixa de uma escada de acesso, interior, que sobe ao andar sobradado, onde se situam as dependências da habitação, frequentemente a sala à frente e duas pequenas divisões dando para ela, e ao lado a cozinha com a lareira ao canto - uma grade de madeira, elevada, sobre a qual pousa a pedra -, e que muitas vezes tem varanda aberta à frente, corrida ou apenas a meio. As traves do barrotamento do soalho pregam directamente ou assentam num chaço pregado contra o prumo, pelo lado interior (des. 2-b); o telhado é normalmente também de duas águas, com os outões nas fachadas laterais e um beiral saliente à frente, abrigando a varanda.

Alguns palheiros com a mesma estrutura e aspecto destes, propriedade certamente de pescadores mais remediados que alugavam parte aos banhistas veraneantes, e outros semelhantes, que estes depois construíram ou adquiriram, têm igualmente o rés-do-chão amplo, mas soalhado, e nele guardam redes e aprestos; nesses casos o travejamento desse soalho, como nos térreos, prega também aos prumos, assente em pedras encostadas a eles, e pousadas no chão (des. 2-b); mas a areia rapidamente enche o exíguo espaço isolador que assim se deixava sob o edifício, e invade mesmo os baixos.

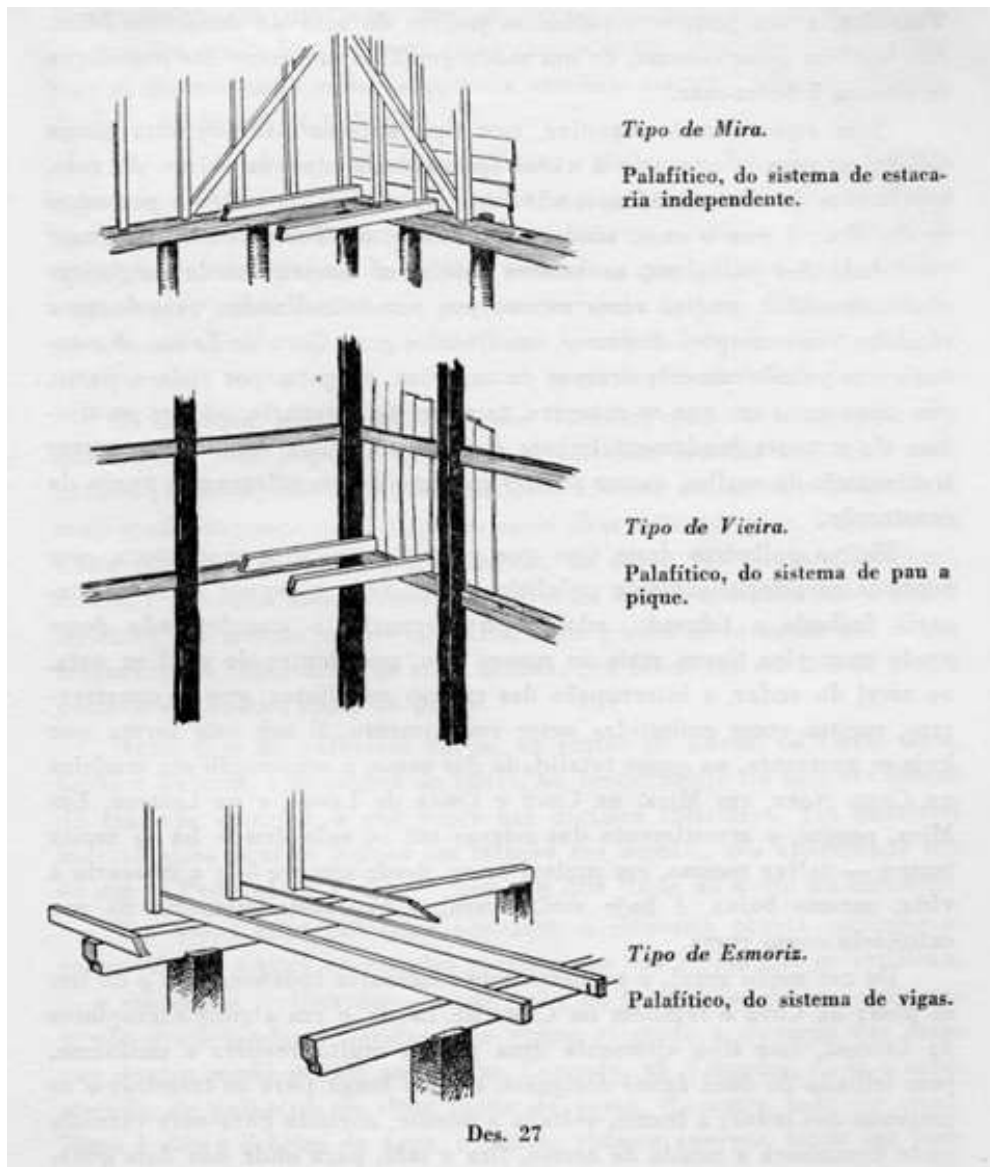
A primitiva capela dedicada ao Senhor dos Aflitos e à Senhora da Boa-Viagem, de pedra e cal, pequena, baixa e humilde, de paredes lisas sob um telhado de duas águas, que se via, isolada, na areia, foi seguidamente aumentada com um acrescento de tabuado, também de duas águas, dum dos topos do qual emergia a singela cruz, igualmente de pau.

O revestimento até ao solo, nesta região, tinha porém o inconveniente de impedir a passagem das areias que o vento arrastava, que por isso se acumulavam contra as paredes, ameaçando cobrir o palheiro, e obrigando ao seu levantamento total; e esta operação, de facto, impunha-se frequentemente, sobretudo depois que, com o desenvolvimento da praia como estância balnear, a urbanização tornara obrigatória a edificação alinhada em arruamentos por vezes em zonas onde havia grandes movimentos de areias.

Obviando a este inconveniente, a partir de uma certa data, procuram deixar as estacas de carvalho, - e mais tarde pequenos esteios, de pedra ou pilares de cimento - onde encabeçam os prumos do edifício, aflorar e ficarem à vista um pouco acima do solo, assentando sobre elas também as quatro traves ou linhas, que fazem o caixilho da armação do soalho, que além disso entram numa caixa aberta na base do prumo (des. 2-c), de modo que o conjunto forme um esqueleto firme, onde pregam as tábuas do forro, dispostas verticalmente. Os palheiros ficam assim com um espaço livre e aberto sob eles, entre as estacas, por onde a areia passa; e quando a final ela acaba por se acumular e o entulha, eles são levantados sem se desconjuntarem, a partir do caixilho das linhas, e apenas por acrescento à altura das primitivas estacas. E o mesmo acontecia, quando, devido aos temporais, se tornava necessário deslocar os palheiros para o interior.

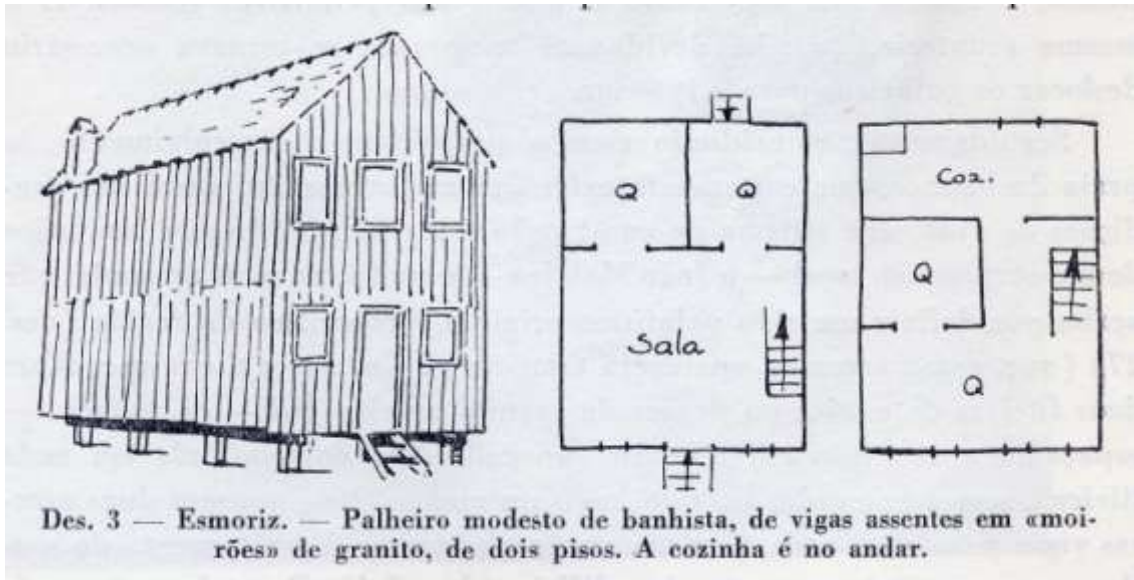
Seguidamente, coincidindo com o progressivo desenvolvimento da praia de banhos, que certamente exige um melhoramento geral das condições de vida, este sistema de construção toma, ao que parece nas mãos de um carpinteiro local - o João Moleiro - uma forma mais apurada, que acaba por definir um tipo palatítico original e específico da região (des. 27) (que, como veremos, aparecerá também na Cortegaça), em que, sobre duas fileiras de esteios ou pegões de granito ou cimento - os moirões - espaçados e em pequeno número (normalmente dois ou três em cada fileira), sempre elevados do solo, mais ou menos altos, pousam duas grossas vigas paralelas, onde, por sua vez, pousa todo o barrotamento do soalho, que constitui o assento do edifício (des. 2-d). Desse barrotamento partem os prumos do edifício, pregados a ele sem qualquer rebaixe; e, numa ou mais faces, ele sai fora dos esteios, ficando o edifício, desse modo, mais largo desses lados do que a sua base palafítica. Os prumos são travados

geralmente por tarugos horizontais, que ficam escondidos entre o revestimento exterior e o forro.



Os telhados são preferentemente de duas águas, de entrada de chapa zincada, seguidamente de telha de Marselha; a empena é muitas vezes voltada para a frente, e um largo beiral, não raro ornamental, recobre a varanda (9). Os palheiros deste tipo, que servem de vivenda de banhistas veraneantes cidadãos, são de planta rectangular, de dimensões consideráveis e de facção cuidada; por vezes eles têm dois pisos, e são então mais altos do que largos e de um estilo mais pobre, que os aproxima dos outros tipos também de dois pisos que descrevemos (des. 3); mais geralmente, porém, com um só piso (e um sótão amplo de arrecadação), eles desenvolvem-se em comprimento, e mostram quase sempre uma graciosa varanda corrida e suspensa, ou galeria, com balaústres ou guarda de madeira com formatos vários, e com acesso por fora, por uma escada de meia dúzia de degraus de pau, pedra ou cimento; interiormente a

planta comporta a sala à frente, com um quarto a abrir para ela, um corredor partindo dela ao longo do edifício até à cozinha, nas traseiras, e quartos de um lado e do outro desse corredor.



O revestimento exterior - por vezes pintado de cores frescas - passou a ser vertical, com matajuntas. Por seu turno, o espaço vazio e aberto sob a casa, entre os esteios utiliza-se para nele se abrigarem lenhas e barcos (des. 4 e fig. 7).

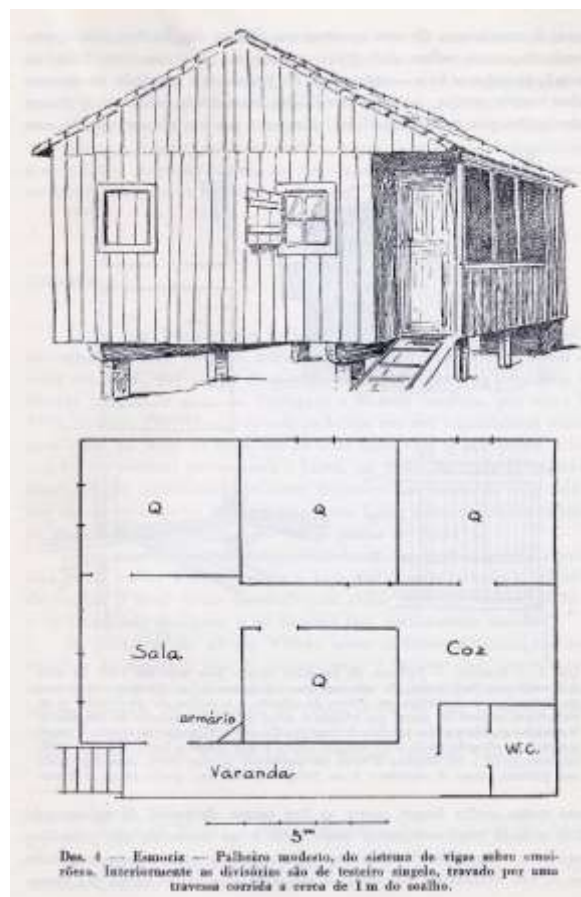




Fig. 7 — Palheiros de Esmoriz. Palheiro de banhistas.

Após a grande devastação ocasionada pelo ciclone de 1941, a Capitania do Porto de Aveiro construiu, um pouco a sul do actual povoado, uma série de pequenos palheiros, para acudir àqueles que ficaram sem abrigo. Trata-se de barracos pequenos e pobres, apenas de rés-do-chão, mas que, como os barracos das redes, se ergueram sobre pés curtos, baixos e raros, de madeira e granito (outros, construídos seguidamente pelos próprios, apoiam-se mesmo sobre pedras encasteladas), que não excedem 30 a 40 cm de altura, em vista somente a isolar o chão da humidade da terra; os prumos, neste caso, são em número mais reduzido, firmados por barrotes oblíquos; as traves do soalho (que aqui naturalmente existem sempre) assentam por vezes sobre pedras.

Fugindo às marés e consequentes movimentos das areias, na zona mais perto do mar, estes palheiros, que várias vezes tiveram de se erguer do seu nível primitivo, foram-se além disso deslocando mais para o interior, sempre que possível, contando-se numerosos casos que mudaram de lugar várias vezes; para tal, todo o edifício era levantado com alçapremas e mais tarde com macacos, colocado sobre grossos toros de madeira (que, à semelhança do que acontece na alagem dos barcos, rolam perpendicularmente sobre dois paus compridos paralelos estendidos na areia), puxados a bois - por vezes 20 juntas - e montado novamente sobre outros esteios, no sítio escolhido; mais tarde, esses toros foram substituídos por um

rodado forte, composto por um eixo comprido com duas rodas muito largas, como as dos carros da praia. O aglomerado situa-se hoje preferentemente mais atrás e ao norte do seu primitivo assento, na direcção da Barrinha, alinhado em arruamentos regulares que se vão delineando na duna; a estacaria alta não é agora tão necessária, porque há menos movimentos de areias (10), e as casas puderam fechar-se até baixo sem correrem o risco de ficarem soterradas. Aberta a estrada do mar por volta de 1914, generalizou-se, sobretudo depois de 1928 (11), a edificação sobre paredes de alvenaria, pedras ou blocos, umas vezes baixas, outras formando um verdadeiro rés-do-chão alto.

Actualmente, a construção de madeira encontra-se em total decadência, e assiste-se à crescente invasão da casa de alvenaria, sem qualquer carácter local, interesse ou beleza.

NOTAS SOBRE OS PALHEIROS DE ESMORIZ (as notas seguem aqui a numeração da Folha Informativa, por títulos):

- (1) O mapa da Direcção Geral dos Trabalhos Geológicos (F. Folque), de 1870 (fl. 10), indica «Palheiros da Cortegaça» e «Palheiros da Maceda», que correspondem aos que são conhecidos, pelo menos actualmente, por «Palheiros de Esmoriz» e «Palheiros da Cortegaça», respectivamente.
- (2) Resposta de Dom Bento da Assumpção Pimenta, abade de Esmoriz, ao questionário do Padre Luís Cardoso, de 1758 (publicada por José de Sá Ferreira, *Esmoriz nos meados do século XVIII*, in «A Voz de Esmoriz», Ano IV, N.º 73, Esmoriz, 15-VIII-1959, pág. 27 e 30).
- (3) No «Mapa topográfico do terreno que medeia entre o Rio Douro e o Lago ou Ria d'Ovar» desenhado, manuscrito e colorido sem indicação de autor nem de data, pertencente ao Exmº Senhor José de Sá Ferreira, e ao qual este investigador, no seu estudo *Um canal através de Esmoriz*, publicado em «A Voz de Esmoriz», Ano 11, n.º 25, de 15-VIII-1957, p. 43, atribui uma data provavelmente 1834 e 1854, que depois segundo particularmente nos comunica, corrigiu para a época de D. Maria I (1777 a 1816), notam-se efectivamente os aglomerados, já então de vulto, de Espinho, de Paramos (Sr.ª Aparecida), da Torreira

(beira-mar) (vide fig. 3; a segunda folha deste mapa vem reproduzida na fig. 14), e nada na praia de, Esmoriz.

(4) Vide p. 11, nota 1. [numeração do livro dos autores]

(5) Barracos de madeira, deste género ou semelhante, aparecem por toda a parte, nesta e mesmo fora desta área, como habitações dos extractos mais pobres - quase miseráveis - da população. Eles eram especialmente frequentes em certos núcleos piscatórios, como por exemplo a Póvoa de Varzim, a Apúlia, etc., sendo de notar que aí, eles competem sobretudo à gente do mar. Aqui porém, eles têm de particular o facto de a madeira só por si não ser índice de pobreza, mas o material normal da região, que aparece igualmente nas casas melhores; e de apresentarem certos caracteres que correspondem ao estilo local das construções.

(6) José de Sá Ferreira, *A Praia de Esmoriz no primeiro quartel deste século*, in: «A Voz de Esmoriz», Ano II N.º 44, de 31-V-1958, pág. 1 e 3.

(7) José de Sá Ferreira, *A Pesca de Arrasto*, in: «A Voz de Esmoriz», Ano I, N.º 17, de 14-IV-1957, pág. 3.

(8) Num arrastamento de areias causados pelos temporais do Inverno de 1962, ficaram a descoberto velhas estacas de carvalho, que estavam recobertas por 2 ou 3 m de altura de areia.

(9) Não é possível marcar com exactidão a data do aparecimento deste tipo de palheiros. Indicam-nos cerca de 1899 para a generalização do sistema. Tudo o que podemos dizer é que nas fotografias reproduzidas nas figs. 5 e 6, datadas de 1907, já muitos são deste tipo.

(10) Ver p. 14, nota I.

(11) José de Sá Ferreira, *A Praia de Esmoriz no Primeiro Quartel deste Século*, loc. cit.

CORTEGAÇA (pg. 29)

Vimos que, inicialmente, os palheiros de Cortegaça e Maceda vizinhavam com os de Esmoriz, armando-se duas companhas nesse lanço da costa em 1886; por razões de rivalidade vicinal, agravada pela falta de estrada própria, a gente da Cortegaça e Maceda resolveu, por volta de 1920, deslocar inteiramente os seus palheiros uns mil e quinhentos metros para o sul, ao longo da duna, até ao local onde hoje se encontram, e instalá-los em terrenos pertencentes à Junta, um pouco ao norte do chamado Monte Negro, escolhidos por serem fronteiros ao centro da freguesia e por ali correr o rio da Água; o transporte fez-se sobre os citados rodados de eixo comprido, puxados por várias juntas de bois (1).



Figuras 8, 9 e 10 (do livro)

Como consequência do desaparecimento do peixe desta parte da costa, essa gente vendeu barcos e redes, e hoje dedica-se sobretudo à indústria de cordas. O local foi-se desenvolvendo como praia de banhos, modesta e de frequência diminuta, e no Inverno fica praticamente deserta.

Os palheiros da «Praia Velha» eram certamente iguais aos seus vizinhos de Esmoriz, que já descrevemos; e, dentre eles, naturalmente só os que eram elevados do solo puderam ser transferidos intactos; temos notícia concreta do transporte de alguns deles, do tipo palafítico sobre vigas, de um só piso. Na reedificação da aldeia, a par desses, outros se construíram de novo, dos demais tipos de que falamos. Vários incêndios e temporais destruíram desde então grande número destas casas; restam, dispersos na duna, vários palheiros isolados, térreos ou de rés-do-chão e andar, de pau a pique, sem qualquer cor ou quando muito pintados a vermelhão que, escurecido pelo tempo lhes dá, num dia sem sol, um tom triste de borras de vinho; e, no extremo norte do lugar, um grupo contíguo desses últimos, todos do mesmo traçado, com duas portas em baixo, uma para o térreo e outra para a escada, e, ao nível superior, a série de varandas que se seguem, sob o largo beiral, apoiado em colunas fixas às guardas (fig. 8).

Ao longo dos arruamentos que se foram desenhando, aparecem numerosos palheiros de pau a pique e rés-do-chão e andar, do tipo descrito mas de aspecto cuidado (figs. 9 e 10), com grades de fantasia nas varandas e outros elementos decorativos, residências de veraneantes.

A regra mais geral, porém, em casas tanto arruadas como dispersas no areal, é a edificação do citado tipo palafítico de Esmoriz, que mostra todo o barroterrito e armação erguidos sobre as duas fortíssimas vigas apoiadas nos moirões de granito ou cimento, com a varanda suspensa, só à frente ou por vezes em dois lados (figs. 11 e 12); as grades destas varandas, igualmente em cor que contrasta com a da casa, mostram desenhos variados que enriquecem o conjunto. A pintura que recobre o tabuado exterior destes palheiros, que normalmente se dispõe verticalmente, é também as mais das vezes o vermelhão apenas animado pelas cores vivas e claras — azul, branco ou ocre — das portas e das janelas ou grades da varanda. Aparecem telhados de duas e de quatro águas, e, de um modo geral, a planta e o aspecto exterior não oferecem qualquer uniformidade.

Do mesmo modo que em Esmoriz, muitas destas casas têm por baixo do soalho uma arrecadação; e não raro também o rés-do-chão é de alvenaria, e sobre ele assenta o andar da madeira. Mas apesar do seu pitoresco, beleza, e ajustamento à paisagem, a tendência actual é para a construção em blocos ou tijolo.



Figuras 11 e 12 (do livro)

NOTA SOBRE OS PALHEIROS DE CORTEGAÇA (as notas seguem aqui a numeração da Folha Informativa, por títulos):

(1) Albertino Alves Pardilhas, *Cortegaça - A Terra e o Mar*, in: Ovar, «Guia Turístico, Comercial e Industrial de Ovar», 1959, pág. 75.

PRAIA DE VIEIRA DE LEIRIA (pg. 88)

A Praia de Vieira de Leiria, 5 quilómetros abaixo de Pedrógão, junto à foz e antigo estuário do Lis, que, antes de ser entulhado pelas aluviões, ia até altura da vila, e tinha, ainda em meados do século XIX, um movimento apreciável, é o último povoado que interessa ao presente estudo, vindo do norte; daqui para o sul, o areal dá progressivamente lugar às arribas, definidas sobretudo a partir da próxima localidade de S. Pedro de Muel, e muda o tipo do povoamento, a forma dos barcos e processos de pesca. A Praia de Vieira de Leiria foi porto importante de pesca de xávega, que armava três companhias em 1886, das quais subsiste uma, com três barcos; no século XIX, ainda se construíram numerosas embarcações (1) nas suas tercenas e estaleiros, e parece que desde tempos recuados a população aí vivia com carácter permanente. No Inverno, os pescadores lançavam mão do que podiam., para ganharem alguma coisa.

Era daqui que ia para o Tejo, à pesca, o maior contingente de pessoas - os avieiros, por serem de Vieira -, que ali arrastavam um destino errante, com o barco muitas vezes por morada (2) ou construíam barracos sobre estacas, onde viviam. Os serviços florestais permitem a entrada nas matas três dias por semana, que eles aproveitam para apanharem pinhas e caruma que vão vender; muitos deles eram serradores, e iam nessa quadra trabalhar para fora, por vezes muito longe; mas as serrações mecânicas, que se foram instalando por toda a parte, inutilizaram esse ofício. Hoje, uma grande fábrica (de limas), montada em Vieira de Leiria, veio dar ocupação a muita gente daqueles sítios; e é a companhia que, presentemente, luta por vezes com falta de braços. As mulheres são quase todas vendedeiras de peixe. Ao contrário do que vimos em Pedrógão, o pescador aqui não cultivava a terra, possuindo apenas pequenas hortas ao lado da povoação, que amanha nos seus vagares.

Nesta zona dominava também, na casa do pescador, a construção de madeira sobre estacaria, que aqui se documentava mesmo amplamente (3), existindo grande número de palheiros ainda nos princípios deste século, a despeito dos estragos causados pela cheia do Lis de 1876, que arrastou na sua torrente grande número deles (4). Por essa altura, por informações que pudemos colher, os palheiros erguidos na vertente da duna virada ao mar eram construídos sobre prumos, que ficavam descobertos, sem revestimento exterior, até à altura do soalho, o qual, por vezes, devia ser muito elevada acima do solo (5) (des. 27 [na p. 5 desta Folha]). Pelo contrário, na parte da povoação que se voltava para terra, os palheiros eram revestidos de tabuado até ao solo, grande parte deles com dois pisos - a habitação em cima, e, na maioria

dos casos, um autêntico rés-do-chão por baixo, onde ficavam abegoarias e armazéns das companhas, e por vezes instalações para aluguer a banhistas; e também, em casos menos frequentes, uma simples arrumação baixa, por vezes mesmo muito baixa. Esses palheiros já teriam então as compridas varandas corridas, protegidas pelos beirais muito salientes, que Mesquita de Figueiredo nota em 1916; segundo este autor, quando vários palheiros se seguiam, elas tomavam a forma de uma varanda única, a toda a fachada, à qual se ascendia por vezes por uma escada exterior (6).

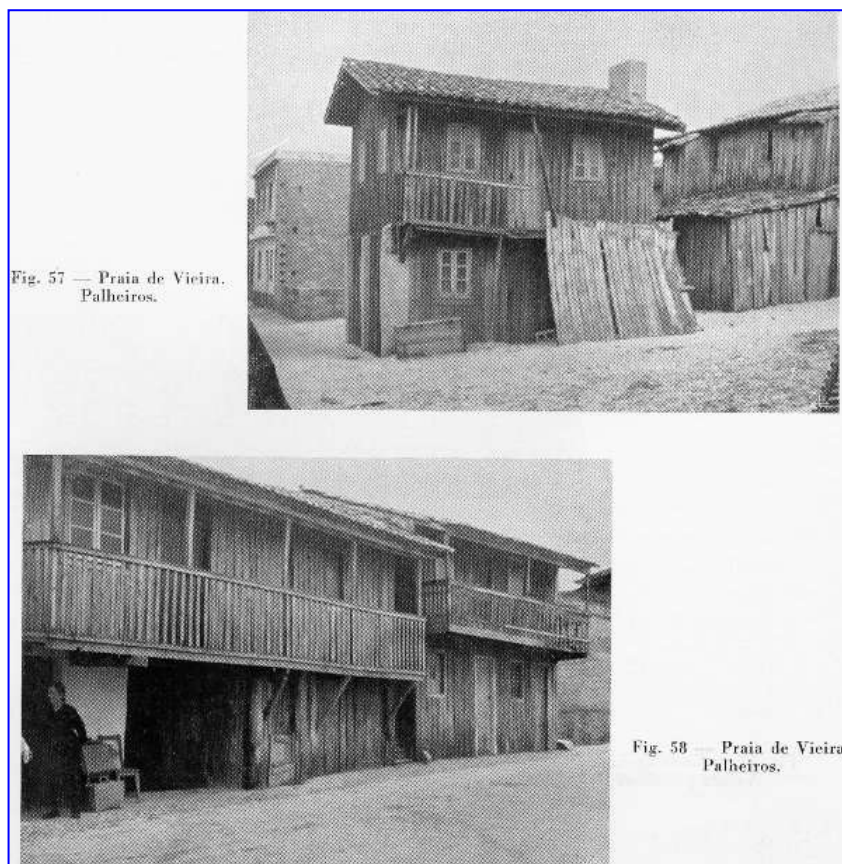
Actualmente não resta aqui um único palheiro de tipo palafítico, tendo sido os últimos, erguidos perto do mar, levados por ele há cerca de 5 anos. A reconstituição que deles faremos baseia-se em informações fidedignas, na comparação com o sistema de construção dos palheiros revestidos até baixo, certamente semelhantes aos primitivos, e por alguns vestígios dispersos que nos pareceram significativos.

Nos palheiros actuais, completamente revestidos, até ao solo - alguns dos quais já são sem dúvida anteriores ao começo do século - a estrutura da construção é diferente da que se usa no norte, porque a estacaria não é independente, e não existe grade; como nos antigos palafíticos desta mesma povoação, e com o nome de esteios, os prumos prolongam-se para baixo, enterrando na areia pelo processo de pau a pique, fazendo desse modo, eles próprios, as vezes da estacaria. Eles estão distanciados nunca menos de 1,5 m uns dos outros, aparecendo em alguns casos apenas nos cantos, e um a meio das paredes. As linhas horizontais que sustentam o barrotamento dos soalhos pregam a eles pelo lado exterior, em entalhes pouco profundos, o mesmo sucedendo ao grande número de barrotes horizontais afastados cerca de 1 m, aos quais por sua vez prega o revestimento exterior, por isso disposto verticalmente. Esta madeira de tapar é posta em «camisa e saia»; e em casos mais recentes aparece com os conhecidos matajuntas delgados. O soalho do rés-do-chão e do andar assenta nas linhas horizontais, pregadas, como dissemos, por fora dos esteios; a de baixo, que é pouco elevada do chão, fica parcialmente à vista, e encontra-se por vezes, quando em mau estado, escorada com pés de reforço.

Ao centro do palheiro é vulgar haver mais um prumo grosso sustentando, a meio, a trave do cume. O sistema de prumos aqui usado é sem dúvida mais grosseiro que o das estacas independentes, visto que o apodrecimento dos esteios junto ao solo obriga a composturas que deixam emendadas - e portanto com resistência diminuída - peças de primordial importância.

Estes palheiros têm no geral uma fachada frontal larga, de beiral corrido muito saliente, o qual cobre a varanda que lhe fica por baixo, ao nível do andar. Muitas vezes também existe varanda

na empena lateral, que pode chegar a unir-se àquela, no canto. Tais varandas são apoiadas ora em barrotes que se firmam, inclinados, contra as paredes, ora em prumos ou estacas, e são normalmente de acesso interior. Os telhados mantêm as duas águas tradicionais com pequena inclinação, de telha caleira, apoiando-se os grandes beirais citados em escoras verticais ou oblíquas (figs. 57 a 60, e des. 24).



Figs. 57 e 58 (do livro)

A chaminé de pau não existe, e não se lembram de ter existido; em vários palheiros de andar vêm-se chaminés de tijolo ou adobe, que sobem encostadas à parede. Interiormente, os palheiros melhores são forrados, e o tecto ou é direito, ou formado pelas casqueiras que, sem interrupção, sustentam as telhas. Nos de andar, cada piso é muitas vezes habitação independente, com cozinha privativa em cada um deles (des. 25).

Os palheiros térreos, mais ou menos pequenos e baixos, ou são de pau a pique, com o soalho, como no caso anterior, pregado à linha fixa aos prumos e apoiada sobre pés curtos, ou assentam eles próprios inteiramente sobre estacas baixas, por vezes insignificantes.

Ultimamente, e do mesmo modo que em Pedrógão, a crescente importância deste lugar como praia de banhos a que ocorrem forasteiros veraneantes, ao mesmo tempo que

modificou o tom da vida local, acentuando a decadência do pescador, vai consumando o desaparecimento da madeira na construção. Os velhos palheiros, de resto em número considerável, com raras exceções, ruem aos poucos, e em seu lugar surgem casas de alvenaria, adobe ou pedra, sem quaisquer características tradicionais.

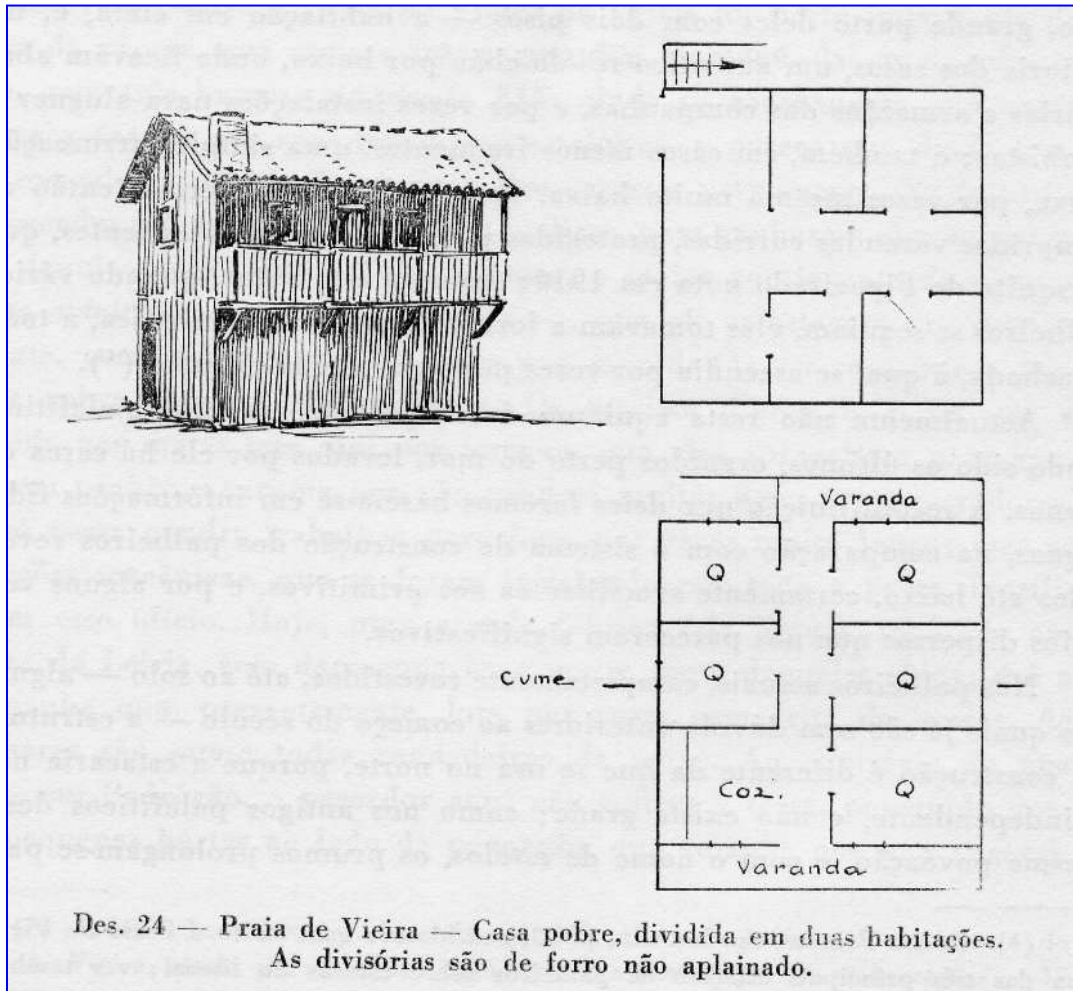


Fig. 59 — Praia de Vieira. Palheiros.



Fig. 60 — Praia de Vieira. Palheiros.

Figs. 59 e 60 (do livro)



NOTAS SOBRE OS PALHEIROS DA PRAIA DE VIEIRA DE LEIRIA (as notas seguem aqui a numeração da Folha Informativa, por títulos):

- (1) Adolfo Loureiro, op. loc. cit., p. 242, além de indicar o movimento do porto de Vieira, ainda por volta de 1850, refere a construção de embarcações - 17 em 1840 - em estaleiros que, situados de entrada mais para o interior, se foram deslocando até à praia; e aventa que o lugar da Galeota, no areal ao sul, deriva o seu nome do estaleiro. Ver também. Guia de Portugal, II, p. 693.
- (2) Orlando Ribeiro, op. loc. cit., p. 217-218. Ainda hoje, a grande maioria dessa gente de Borda-d'água é descendente muito próximo dos antigos «avieiros», que finalmente ali se

fixaram, e que continuam a viver em bateiras varadas nas margens do rio, na sua vida errante de pescadores, ou em casas de tipo palafítico. (Ver adiante p. 98-101).

(3) Rocha Peixoto, op. loc. cit., p. 93, considerava com efeito a Praia de Vieira uma das três principais estações de palheiros sobre estacas do litoral; ver também A. Mesquita de Figueiredo, op. loc. cit., p. 5-6, com fotografias (figs. 5 e 6) p. 4.

(4) Pinho Leal, PAM.

(5) Rocha Peixoto, op. loc. cit., p. 94, dá a entender que era na Praia de Vieira que se encontrava a estacaria mais alta, atingindo 5 m e mais — o que, embora nos pareça exagerado, sugere o que devia ser a realidade.

(6) A. Mesquita de Figueiredo, op. loc. cit. Ainda hoje existe um grupo de palheiros que corresponde a esta descrição, com a varanda corrida apoiada, no lado em que a areia é mais alta, em grossas estacas de madeira.